

XL Jornada de Psicossomática e Psicologia Hospitalar da PUC-SP, paralisias, doenças degenerativas e sequelas neurológicas

Se para aqueles com paralisias sensitivo-motoras o corpo é como uma prisão, para outros de nós, em estados dissociativos ideo-afetivos, a consciência de a alma existir no mundo também é uma prisão. E está em nós, estudiosos, especialistas, interessados, amigos, parentes, a resposta para entender esse enigma, para dialogar com essa prisão, verificar se nos capacitamos para mergulhar no entendimento de determinadas condições que abrangem o nosso corpo, suas relações com a mente e sua integração com a nossa organização espiritual, o nosso self autobiográfico. Falo, claro, a partir de uma visão que reúne as neurociências e a abordagem antropológica da medicina e, por extensão, da vida como um todo. Para enfrentar os substratos biológicos na compreensão da lesão neurológica, é necessário que nos desbloqueemos do neurônio individual e consideremos de que maneira as informações são processadas em redes neurais. Isso requer não apenas os métodos e as abordagens da neurociência das células e dos sistemas, mas também os métodos da psicologia cognitiva e da antropologia antropológica.

Os estudos acerca da representação cerebral de nosso corpo revelam que ela não é fixa, mas pode ser modificada pela experiência (neuroplasticidade). A análise dessas modificações indica que o grau de atenção é um fator na integração da representação interna do corpo com a visão e o movimento, um processo que incorpora a representação do espaço peripessoal com representações do espaço extrapessoal. Aqui, o espaço corporal é relacionado com o espaço visual, quer real, imaginado ou lembrado (memórias). Assim, uma simples representação da própria pessoa é gradativamente ampliada para uma que inclui o mundo externo, tanto real quanto imaginário – o mundo no qual a pessoa funciona. A questão de as percepções humanas serem uma propriedade do conjunto do sistema nervoso parece ser dialética, talvez formalmente semelhante a questão da mecânica quântica se a luz é uma partícula ou uma onda.

A civilização humana já caminhou muito e consegue ver cada vez mais além das aparências. E o olhar inusitado sobre as aparências foi algo que me chamou a atenção na medicina antropológica. Minha formação nesse campo foi essencial para ampliar meu entendimento das neurociências e das possibilidades de abordagem, tratamento e, quanto possível, uma convivência com a doença e suas limitações; também não em poucos casos, acompanho evoluções e até recuperações excepcionais dos pacientes tratados.

Agradeço muito o convite para o evento de hoje. Mais que isso, cumprimento os organizadores pela iniciativa que já se estende por tantos anos, buscando abrir janelas para auxílio daqueles de nós que são vitimados por males incapacitantes e que se defrontam com desafios num primeiro momento inelutáveis de desenvolver novas formas de conviver com o corpo que já não responde da mesma forma.

A observação incansável, o estudo, a análise. O intelecto e também a afetividade. A curiosidade e o carinho. Tudo isso me ajudou a construir a sabedoria que temos hoje à disposição para ampliar essas fronteiras da aparente prisão – do corpo e do mundo em face do estado atual da arte de abordagens médico-terapêuticas.

Dedico a continuidade de meu trabalho a buscar iluminar de frestas (oportunidades) ainda despercebidas. Ou grandes evidências que só podem ser vistas por uma nova maneira no olhar de investigação clínico-terapêutico. Os prisioneiros de quem cuidamos são nossos irmãos, são parte de nós. Abrir-lhes possibilidades também nos transporta para novas e melhores fronteiras da vida humana, sobre as quais podemos creditar forças radiantes, cada vez maiores, dirigidas às habilidades integrantes do corpo e da alma para nosso autoconhecimento e desenvolvimento, conduzindo o aprisionamento do corpo à libertação.

Muito obrigado e parabéns a todos.

**São Paulo 26 de novembro de 2015
Maurício Baldissin**



***XL JORNADA DE PSICOSSOMÁTICA E PSICOLOGIA HOSPITALAR
PRISIONEIRO DO CORPO: PARALISIAS E RESILIÊNCIAS***

**Palestra
Perda das Funções Neurossensoriais
Perceptivas na Visão das Neurociências.
Os Recursos da Medicina Antroposófica.**

Dia: 26 de novembro às 16h45

Palestrante: Maurício Baldissin

Neurocirurgião com mestrado em neurologia pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e com certificação em medicina antroposófica. É professor orientador da Liga Acadêmica de Neurologia e Neurocirurgia da Faculdade de Medicina de Jundiaí, homenageado como mestre no Congresso Nacional da Academia de Neurocirurgia. Dirige a Clínica de Neurodiagnose & Neuroterapêutica em Jundiaí - SP, instituição que se dedica aos cuidados com a saúde, atividades artísticas, de humanização e desenvolvimento humano. Para saber mais, acesse www.neurodiagnose.com.br/lattes.pdf

PUC-SP

Rua Monte Alegre, 984 - Auditório 333 - Perdizes - São Paulo / SP 05014-901



Clínica de Neurodiagnose & Neuroterapêutica
Práticas Integrativas na Saúde - CRMSP 22.433



Associação Brasileira de
Medicina Antroposófica